2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 36. QUINTA FEIRA, 15 DE MAIO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

VI.

Abertura da Exposição.

396 No 1.º do corrente Maio a Rainha Victoria, com todo o esplendor da sua côrte, todo o apparato de um prestito real, dirigiu-se ao notavel edificio que affoutamente podemos denominar o « templo da industria » e alli, ao som de musicas festivas, de salvas de artilheria, e das acclamações dos representantes de cem nações diversas, procedeu ao acto solemne da abertura da Exposição universal segundo o programma já annunciado.

Não é possivel seguir as particularisadas descripções que os jornaes inglezes fazem, em supplementos especiaes, percorrendo como uma especie de guias dos visitantes os diversos repartimentos do edificio, subordinando-se ora á disposição geographica observada n'umas partes, ora á classificação technica guardada n'outras partes conforme as circumstancias especiaes dos objectos, dos paizes a que pertenciam, e das localidades em que podiam ser collocados.

Comtudo indicaremos aquellas obras artisticas ou industriaes, que vão merecendo a especial menção das folhas inglezas, preferindo-as d'entre as diversas classes, e fazendo-as representar por via de gravuras, sem que esta escolha fosse dominada por influencias de methodo ou de alinhamento de catalogo.

A esculptura acha-se bem representada na Exposição; os specimens primeiramente desenhados são — as estatuas de «Dorothea» de John Bell, e a de «Ariadne» de Kirk, bellas amostras do estylo e talento destes artistas, e nas quaes em pernas e braços se descobre o estudo anatomico; «Rosamunda» por John Thomaz é uma estatua de muito merito, toda vestida com bem acabadas roupas no gosto da edade media; o grupo «a morte dos Innocentes» foi exposto pela União das Artes de Londres, sendo uma das obras concorrentes aos premios de 100 e de 50 libras.

É um bellissimo trabalho executado por Mr. Buss, residente Great-Newport-Street, um escudo, obra de esmalte representando as armas de todas as nações principaes. — São riquissimas e ao mesmo tempo de perfeito lavor as caixas de joias, isto é, guarnecidas de pedras preciosas, pertencentes á Companhia das Indias Orientaes; uma é de obra aberta, trabalho exquisito; outra lavrada, esmaltada, e recamada de rubis não só nas flores que servem de adorno, como tambem pelas bordas e lados. A materia de que são feitas é jaspe.

O relogio de Messrs. Moore, tem muitos caracteres de novidade, consistindo o principal nos soberbos ornamentos esmaltados que decoram o frontispicio, o pendulo, e os circulos em que estão collocadas as figuras que numeram as horas: o todo é bellissimamente acabado.

Das Ilhas Jonias veio uma peça de prata, da fórma de aderece de collar, que é mui elegante, fantasiosa e de gosto apurado; delle pendem as medalhas que representam as sete ilhas, e no meio da peça estão os emblemas da nação protectora, o leão britannico e a corôa.

As peças expostas por Mr. Asprey revelam incontestavel superioridade de mão d'obra e elegancia artistica: a saber, uma peanha de desenho assaz original e de relevo primoroso, com um tinteiro na fórma de um vaso bem elaborado, e duas figuras tocando bozinas de caçador, que servem para collocar as pennas. Duas caixas ou estojos de joias, feita de ebano, e de fantasioso desenho e execução; os pés em que assenta, os puxadores, chaves, etc., são cousa magnifica.

Merecem mui particular attenção os apparelhos de chá e café por Messrs. Widdowson e Veale, rigorosamente do feitio de vasos etruscos; e os ornamentos são tirados dos soberbos desenhos de Flaxman para uma edição da Iliada, representando — o concelho dos deuses — Diomedes enristando a lança contra Marte — Neptuno surgindo do Oceano — A descida da Discordia — Venus ferida, conduzida por Iris a Juno — Minerva reprimindo o furor de Achilles, etc.

Os candelabros appresentados por Mr. Webb, de Bond-Street, são de soberbo desenho e esmerado trabalho, no estylo veneziano do seculo 16.º: a projecção é magestosa, e a esculptura um primor de cinzel.

Os portões de ferro expostos por MM. Cottam e

Hallen, de Oxford-Street, são bellos specimens de portas ornamentadas para um parque, no estylo daquellas elegantes obras de ferro lavrado que se usavam, ha cem annos na Inglaterra, para adornar as entradas das antigas residencias dos nobres.

No proximo numero continuaremos as particularidades curiosas relativas á exposição.

---

397 Tendo recopilado as noticias que podemos haver relativas á Exposição de Londres, daremos agora uma summaria descripção do edificio que lhe foi destinado, e não podendo valer-nos da representação graphica, recorreremos ás dimensões expressas em algarismos pelos jornaes estrangeiros.

Os unicos materiaes que entraram na construcção do *palacio de cristal*, são, ferro, quer batido, quer fundido, vidro, e madeira sómente para o sobrado e as paredes do pavimento baixo; o vigamento é de ferro; o tecto e as fachadas superiores das quatro galerias parallelas são de caixilhos de ferro envidraçados e munidos de um systema particular de ventilação. As quatro galerias sobrepostas ao chão destinaram-se para as fazendas leves e que tomam pouco espaço.

O numero das columnas, fundidas e de fórma circular, é de 3.300, sendo collocadas a 8 metros e 35 centimetros (o metro corresponde a 4 palmos e $\frac{54}{100}$, e o centimetro a 4 linhas e $\frac{36}{100}$) de distancia. As que sustentam os pequenos corredores transversaes, para a communicação de uma galeria grande para outra, são atracadas com travessões de ferro.

A capacidade cubica do edificio é de 10:065 metros. A altura da galeria central 22 metros 96 cent. a das duas galerias contiguas 16 m. 86 c.; a das duas galerias lateraes 10 m. 76 c.

Quasi no centro do edificio, isto é, a 313 metros 20 c. a partir do lado occidental e a 329 m. e 90 c. do lado oriental, corre uma rua transversal que fórma a entrada principal do monumento, e tem de largura 21 m. e 96 c. Uma especie de abobada, da altura de 32 m. e 94 c. sobre o nivel do terreno, cobre muitas arvores grandes, que foram conservadas, e que (dizem os inglezes) «servirão de refrigerio durante os grandes calores do verão.» — Para enfraquecer e diminuir o fulgor da luz e a intensidade do calor do sol, toda a cumiada do edificio, e as fachadas meridionaes das galerias envidraçadas, são cobertas exteriormente com *stores* ou transparentes; providencia mui acertada para proteger as fasendas que podem damnificar-se pela acção dos raios solares, garantindo simultaneamente das injurias do tempo as vidraças, e dando mais frescura ao edificio do que se os stores fossem collocados da parte de dentro. Canos que na totalidade medem 44.000 metros conduzem as aguas da chuva ás columnas ôcas, e de modo que estas aguas só percorrem o espaço de 8 m. e 35 c.

A quantidade de vidros empregada nesta construcção é de 313.000 m. de superficie, pesando mais de 400.000 kilogrammas (cada peso destes corresponde a dois arrateis e $\frac{178}{1000}$). Os caixilhos de ferro que recebem as vidraças e formam o telhado do edificio e as fachadas das galerias superiores, appresentam uma extensão de 260.000 metros.

O espaço total destinado á Exposição dos productos é um parallelogramo regular, cujo comprimento é de 563 m. 72 c. de leste a oeste, e a largura de 139 m. 8 c., não comprehendendo as duas salas reservadas á Exposição das machinas, que tem de comprimento total 325 m. 72 c. e de largura 16 m. 70 c. Estas duas salas formam um corpo saliente regular fóra da fachada septentrional do edificio. Na extremidade noroeste da sala das maquinas, vê-se uma pequena construcção supplementar, onde estão collocadas as caldeiras de vapor ou *gerador*, que deve ministrar a força expansiva propria para pôr em movimento muitas maquinas de vapor, as quaes farão andar as outras.

O pavimento terreo é dividido em onze porções ou coxias, umas da largura de 8 m. 25 c. destinadas a receber os balcões e prateleiras em que se expoem as fazendas; outras de 16 m. 70 c. que são para o transito publico, e que recebem no meio as fasendas que não podem ser expostas a mais altura do que 5 m. 79 c. acima do chão. A grande galeria central appresenta de largura 25 m. 5 c. e tem de superficie 261.985 m. 53 c., em cada extremidade desta galeria ha uma porta de entrada, que se denomina lateral. O logar disponivel em cada galeria superior é de 35.679 m. quadrados, e a superficie de todas as quatro galerias reunidas, forma 297.665 metros.

As producções da Grãa-Bretanha e das suas colonias, comprehendidas as das Indias orientaes, occuparão toda a parte do poente do edificio á direita da rua principal.

Para os productos da Hespanha e de Portugal estava destinado o repartimento n.º 5, ao lado direito da primeira escada da galeria central, ao nordeste, com frente sobre a galeria central e as duas galerias lateraes.

DA IMPORTANCIA DO GADO LANIGERO.

(Continuado de pag. 387.)

398 M. Nouel prosegue deste modo as suas considerações. — A necessidade de converter a attenção para a maior producção de carnes, mesmo em detrimento das lãs finas, é geralmente reconhecida, até pelos que se obstinam na creação dos merinos. De facto, as circumstancias favoraveis a uma producção agricola são tão raras, que os cultivadores não pódem deixar de conservar por muito tempo a lembrança daquellas que desfructaram felizmente. A memoria dos lucros realisados mediante os merinos, quando o valor venal de suas lãs estava em relação com o seu valor intrinseco, ainda não está apagada, é uma especie de prestigio que allucina grande numero de fazendeiros, que não comprehendem o andamento das coisas, e que esperam sempre a renovação de um favor que de todo desappareceu. Porém, estes fieis adoradores da divindade decahida prestam homenagem ao principio novo, attendendo muito já ás fórmas e casta dos animaes, já aventurando-se a procurar algum cruzamento com raças susceptiveis de darem aos merinos a amplitude de fórmas e as qualidades proprias para o açougue que lhes faltam; chegando assim insensivelmente, e sem o confessarem, a uma transformação que tudo aconselha adoptar francamente. Se esta transformação não se effectua com rapidez, é porque a causa que a sollicita

não é a realisação immediata de um ganho evidente e consideravel, como aconteceu no tempo dos merinos; esta causa não é agora senão a necessidade de tornar menos onerosa ao cultivador a mantença de gados. As coisas chegaram a ponto, e faz pena dize-lo, que os gados são admittidos quasi na totalidade das fazendas francezas, como precisão inevitavel para obter estrumes, e não como origem de vantagens directas. Sem contradicção é isto um grande mal, porque ameaça a existencia do homem n'uma das causas mais essenciaes da sua saude e da sua vida, a producção de carnes.

Se com effeito se conseguir fixar o azote do ar e com elle fazer, sem despezas e só pela força das combinações chimicas, massas de saes ammoniacaes, ou outros productos animalisados, susceptiveis de substituir quasi gratuitamente e em grande numero de casos os estrumes das herdades, estes desapparecerão em grande parte, porque geralmente fallando são de mui onerosa producção, e sómente são produsidos pela sua indispensavel necessidade. E qual é, não direi já, o homem algum tanto ao corrente do progresso da sciencia e das suas applicações praticas, mas o chimico que ousaria affirmar que essa fixação economica do azote do ar em massas consideraveis não virá a realisar-se dentro de um tempo dado? Nesse caso declaramos que havendo, á disposição dos fazendeiros, estrumes por preço vil, a producção das pastagens lhes sahiria por um preço menos alto que d'antes, e, por consequencia a das carnes não lhes seria tão custosa como é hoje. Mas, visto que esta producção de carnes não seria já uma necessidade indispensavel nas fazendas, não teria logar senão sob a condição de obter venda por preços em relação com o seu valor real, e deixando um legitimo ganho. Estes preços levantariam immediatamente, e tanto mais que ficariam sempre onerados com adiantamentos de capitaes, e os cuidados innumeraveis e os riscos que acompanham sempre os animaes domesticos, como um cortejo obrigado. Que seria então dos pobres e por consequencia da immensa maioria da nação? — O que acabámos de suppor sobre a possibilidade de extrahir da atmosphera quantidades consideraveis de azote, não implica de modo algum approvação directa ou indirecta desses adubos ou estrumes concentrados, que o charlatanismo ha tempo a esta parte offerece á credulidade publica.

Porém, deixemo-nos destas hypotheses, e concluamos o estudo das precisões da épocha.

O agricultor intelligente e activo não póde ter duvida, nos parece, sobre a conveniencia de abandonar mais ou menos a producção das lãs de merinos e dedicar-se á de carnes. É verdade que esta em França ainda se acha muito distante das condições, que deveram existir respectivamente aos interesses bem entendidos da nação em geral e da agricultura em particular; mas, esse estado de coisas anormal e injusto lhe é ainda menos desfavoravel do que a concurrencia das lãs estrangeiras ás lãs indigenas que as poz por preço vil: é necessario, pois, de dois males escolher o menor. A propensão do commercio de ir procurar, sem lhe importar onde, materias primas por preço baixo, e sem curar tambem dos interesses nacionaes, nunca poderá applicar-se ao negocio de carnes verdes como se applica aos das lãs. Este obstaculo material será sempre uma salvaguarda para a producção nacional das carnes; se podesse ser superado, não ha duvida que o commercio iria busca-las ao estrangeiro, como vae buscar todas as materias animaes susceptiveis de ser transportadas, por exemplo, lã, pelles, sebo etc. — e não deixaria de ser apadrinhado neste crime de lésa nação pela cega avidez do thesouro publico, que mataria cem vezes, por assim dizer, a galinha dos ovos de oiro, isto é, a producção agricola do paiz, para engrossar a sua receita actual. Por ventura, similhantes intenções, realisadas em todas as occasiões até os limites do possivel, constituem um estado de coisas toleravel para a agricultura? Acaso não equival á mais dura escravidão? Depois de a terem manietado assim, exprobam-lhe sua apathia e pouco progresso, seu pequeno numero de gados; é na verdade uma ironia cruel! Quereis lançar-lhe a culpa de inacção, ao passo que a comprimis com uma cadeia de ferro? Acha-se eivada de ignorancia, e não pondes em pratica o que convém para a instruir: é pobre, e não lhe ministraes dinheiro algum, ou se lh'o emprestaes é com usura pezadissima! Carece, para ponto de partida, não só de estrumes em abundancia mas tambem por baixo preço, visto que pertendeis que venda barato; e por todas as fórmas obstais a que tire a menor vantagem da producção animal, que é a principal origem dos estrumes.

(Continúa.)

RELAÇÃO DAS FABRICAS OU PRODUCTOS CLASSIFICADOS PELO JURY PARA RECEBEREM PREMIOS DE MEDALHAS DE PRATA, POR OCCASIÃO DA EXPOSIÇÃO DO ANNO DE 1849.

Novamente publicamos a presente relação, por ser esta a ordem pela qual Sua Magestade El-Rei distribuiu os premios da Exposição de 1849.

Em tecidos.

399 — Lã.....
- Fabrica de Lanificios ao Calvario, dos Srs. Bernardo Daupias & Comp.ª
- Dita de Lanificios em Portalegre, dos Srs. Larcher & Cunhados.
- Dita de Lanificios em Alemquer, do Sr. P. A. Lafaurie.

Linho..... — Dita de Fiação e Tecidos de Torres Novas.

Algodão... — Dita de Fiação e Tecidos Lisbonense.

Em artes mechanicas.

Ferro.....
- Fabrica de Fundição de metaes, dos Srs. José Pedro Collares & Filhos, no Largo do Conde Barão, n.º 3 A.
- Dita de Fundição de metaes, denominada — Phenix, — do Sr. Henrique Petters, na Rua Nova do Caes do Tojo, n.º 24.
- Dita de Cotelaria, do Sr. Antonio Policarpo, na Travessa de S. Nicolau, n.º 46.

Em artes chimicas.

Assucar . . . — Fabrica de Refinação de Assucar, a Santo Amaro, da Sr.ª Viuva Ferreira Pinto Basto & Filhos.

Estamparia. { Dita de Estamparia, dos Srs. Rodrigues Barros & Comp.ª, na Rua da Fabrica da Polvora, em Alcantara.
Dita de Estamparia, em Rio de Moiro, do Sr. Filippe José da Luz.

Vinho . . . . — Muscatel de Setubal, — preparado pelo Sr. José Maria da Fonseca.

MARMORES DE ESTREMOZ NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

Publicando com muito gosto o seguinte artigo, devemos accrescentar-lhe, como rectificação, que não foi diminuta a collecção de marmores remettida para Londres, como se verá pelo respectivo cathalogo.

400 Ha muito que desejavamos dizer alguma coisa, quanto cabe em nossa minguada competencia, sobre os preciosos marmores da nossa terra; hoje porém que desenterrados do olvido, em que jaziam, mereceram a honra de ser chamados a tomar parte nesse grande concerto de industria universal, em que a estas horas devem de estar figurando, esta nossa patriotica aspiração converte-se em simples dever, mormente não tendo sido possivel ao digno encarregado desta commissão acompanhal-a em tempo, pelo nimio apressuramento (*), da nota respectiva.

O conhecimento, uso, e bem merecida reputação dos nossos marmores data de tempos antiquissimos: os cartagineses, os romanos, e os arabes que consecutivamente habitaram esta parte da Lusitania, fizeram delle subido apreço e applicação, como quem tambem sabia primar em objectos de luxo e artes: e ainda agora existem alguns restos dessas antiguidades, de algumas das quaes faz menção André de Rezende nas suas — Antiguidades lusitanas.

Em épochas menos distantes, depois da fundação e estabelecimento da monarchia, esse uso e essa reputação não diminuiu; antes, como parece de razão, progrediu consideravelmente. Desde as margens do Mançanares no palacio real de Madrid, e no magnifico templo do Escurial, até á foz do Téjo na quinta e palacio do Marquez de Pombal em Oeiras, a cada passo, em publicos edificios e particulares, encontrareis não só magnificas decorações, mas obras completas dos marmores de Estremoz.

Hoje porém já quasi ninguem fallava delles. — Se exceptuarmos as amostras que ha tempos da Belgica foram pedidas, alguns plinthos para o theatro de D. Maria, e uma fonte em repuxo, que o anno passado foi para Hispanha, nada mais que documente o seu conhecimento e reputação no grande mundo.

A duas causas principalmente se deve attribuir este desconceito, ou antes, falta de pedido, difficuldades de transporte, e imperfeição de trabalhos.

É evidente que a exportação deste producto póde fazer-se em materia bruta, ou em obra acabada: do primeiro modo a exploração tomaria maiores dimensões, e o seu commercio tornar-se-hia mais avultado; mas o custo do transporte, além da falta de boas vias de communicação, e de aparelhos proprios para a conducção de grandes pesos, seria excessivo.

É sabido que uma arroba d'aqui para Lisboa paga de frete duzentos réis pelo menos: um córte de marmore por consequencia, que tivesse de peso uma tonelada, pagaria, só pelo transporte, naquelle porto o mais idoneo, se não o mais proximo, dez mil e oitocentos réis: isto é, o duplo ou o triplo do que aqui poderá custar em simples desbaste, e já da mão do canteiro, que a explorou por sua conta; e quereis agora saber, o que é um córte de marmore daquelle calibre? — É um volume, d'onde apenas se poderá extrahir e confeccionar uma estatua de cinco a seis palmos de altura.

Fôra por tanto mister, para que este ramo de commercio se podesse tornar vantajoso, revestil-o das fórmas industriaes e artisticas, a fim de que o valor dessas fórmas compensasse a gravidade especifica da materia; é isso porém, o que não acontece.

Em tres épochas distinctas, a julgarmos pelas obras que hoje existem, a preparação dos nossos marmores subiu a grande grau de perfeição, comparativamente fallando: foi no tempo de D. Diniz, de D. Manuel, e da Sr.ª D. Maria I: de então para cá a sua decadencia tem sido constante, e hoje o decano *dos mestres de arte*, que são ao mesmo tempo exploradores e empresarios, é um pobre velho, que vive a muito custo do simples e tosco trabalho de suas mãos em um miseravel tegurio, que lhe serve de officina.

Chamar por consequencia a attenção publica sobre este interessante objecto, appresentando-o no grande concurso de industria universal, póde ser um pensamento de vantajosos resultados não só para este concelho, mas até mesmo para o paiz. Hoje que a nossa industria vae tomando algum alento, e parece crer no futuro; hoje que as vias de communicação, com quanto morosissimas, começam de ser uma realidade, e que um projecto de caminhos de ferro, atravez da nossa provincia e pelas proximidades desta villa, offerece alguns graus de probabilidade, só falta aos nossos marmores, aliás tão finos e variados, talvez como os mais bellos de Italia, uma simples demonstração da sua existencia e primasia.

Ainda assim, porém, cumpre dizer alguma coisa sobre a sua natureza e qualidades, e fazer algumas reflexões sobre as amostras, que foram destinadas á grande exposição.

Apesar de muitas e variadas especies dos nossos marmores, cinco foram comtudo as preferidas para este effeito, branco puro, azul, branco e azul, arroxado, amarello meselado. — As tres especies primei-

(*) O governo accordou muito tarde sobre esta materia; e mais tarde accordaram por consequencia as commissões encarregadas de executar o seu pensamento. — O prazo concedido pela commissão central do districto de Evora, para a promptificação das amostras dos nossos marmores foi tão curto, que expirou com ella, e não deu tempo a alguns curiosos de as examinarem, como desejavam e convinha; nem mesmo de reformar uma dellas, que sahiu defeituosa!

ras são incontestavelmente de superior qualidade; as duas ultimas porém, ao menos por agora, são inferiores ás primeiras, com quanto a raridade da côr as torne talvez mais appeteciveis.

E disemos, por agora, por que estamos convencidos, que pelo andar dos tempos hão de vir a emparelhar as primeiras. Sem querermos, nem podermos penetrar os arcanos da natureza, parece-nos comtudo que estas duas especies, até hoje desconhecidas entre nós, são obra, em cujo aperfeiçoamento ella ainda se acha occupada, e que a mão imprudente do explorador prematuramente lhe extorquiu antes della concluida.

Perfeitas porém, ou imperfeitas, sobresahe em todas uma qualidade, que muito as recommenda, e destingue da maior parte dos marmores do paiz: é o brilhante pulimento de que são susceptiveis, e donde veio o chamar-lhes já alguem, cristalinos.

De feito, as suas superficies reflectem como espelhos, a luz premeia nelles até grande profundidade, e no lavor e desbaste as suas particulas mais parecem estallar como vidro, do que cedem e se amoldam á impressão do escopro, ou do cinzel.

No entanto, cumpre não perder de vista a disposição especial dessas particulas, ou por outra, o preceito da materia: esta circumstancia despresada ou desconhecida, colloca inevitavelmente o operario inexperiente em grandes difficuldades, e arrisca-o a perder em um momento o trabalho de muitas horas: sem embargo, os nossos marmores prestam-se a qualquer obra com extrema docilidade.

Sentimos porém, que a amostra do marmore branco não fosse tão pura como devia, e podia ser. É frequente encontrar-se nesta especie alguns veios, e até ás vezes grandes manchas encarnadas; e com quanto nem sempre seja defeito, como se póde vêr na bella estatua do Outono, na quinta do Marquez de Pombal, onde, segundo nos consta, o artista habilmente aproveitou uma dessas manchas no formoso rasimo, que lhe pende da mão, no caso presente devia de haver o maximo escrupulo, quanto mais sendo facilimo evitar esse defeito.

Não basta comtudo conhecer simplesmente a natureza e qualidades do producto, que se offerta; é tambem mister calcular sobre a sua exploração.

Por este lado a questão reduz-se a dois termos muito simples — pouco risco, pouca despeza. — De ordinario as minas rebentam á flor da terra, e quando muito encontram-se a pequenas profundidades: então o explorador ou empresario dirige-se ao dono do terreno, e obtida com facilidade a permissão, começa a exploração, sem mais onus do que o da nivellação ou composição do terreno, no fim della, a modo que se possa cultivar.

Considerado por consequencia, o marmore em bruto, como materia primeira, todo o seu custo limita-se unicamente ao pequeno trabalho da excavação, e á breve despeza do córte e simples desbaste.

É devida esta baratesa á grande abundancia, sem duvida, e pouca extracção dos nossos marmores: abundancia na verdade espantosa, e que depois de tantos seculos de consumo, nos dá uma garantia segura da continuidade indefinida da sua reproducção. (*)

E mais ainda não tem sido preciso descer a grandes profundidades; pois é presumivel, que esta profusão não seja superficial, antes que a mor distancia se deverá encontrar mais, e quiçá de melhor qualidade; por em quanto, porém, os grandes riscos e as grandes despezas dessas profundas excavações, tornam-se desnecessarias.

Pena é porém, que, em vez das cinco amostritas que mandámos á Exposição, e que apenas merecerão a mais ligeira attenção dos visitantes sem uma indigitação especial, não fosse antes alguma obra acabada, em que a elegancia da fórma brilhasse a par da excellencia da materia: em um palmo quadrado de superficie pouco se póde conjecturar, e isso mesmo que se manifesta, apenas sobresahe desajudado do vivificante auxilio da industria; esperamos, porém, no futuro, que parece surrir, e póde ser que os nossos marmores venham, não muito tarde, a gosar da consideração que já tiveram, e de que os mais competentes entendedores os julgam dignos.

Extremoz, 8 de Maio de 1851.

L. G. GAMA LOBO.

(*) Ainda ha poucos dias tivemos logar de admirar, por mais uma vez, esta espantosa abundancia dos nossos marmores, na digressão que fizemos ao memoravel sitio de Montes-Claros, legua e meia a léste desta villa, e em cujo transito constantemente fomos descubrindo apontamentos deste precioso mineral. Um dos fins desta nossa digressão foi examinar de perto uma famosa columna de marmore azul, assim talhada pela natureza, e descuberta casualmente em 1763. — Tirando-lhe as dimensões, achámos que tinha de comprimento 66 palmos, $6\frac{1}{2}$ na sua maxima largura, e de profundidade, não sabemos quanto, porque apenas descobre de um até 3 palmos: a julgarmos porém pelo que constantemente se observa, e pela disposição das suas linhas verticaes, com segurança podêmos conjecturar que é grande a sua profundidade, e que em rasão della devem de crescer as dimensões da superficie. Como se vê, este pedrão é inteiriço, e houve já quem tivesse o pensamento de formar delle um mouumento, que eternizasse a memoria da nossa independencia no Campo de Ourique; a dificuldade porém do transporte acovardou os emprehendedores e desistiram da obra. — Que bella amostra para a Exposição de Londres!...

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA, OU A ENTRADA DO MARECHAL SOULT NO PORTO EM 1809.

401 Revoltada a Hispanha em fins de Maio de 1808 contra as demazias e perfidias de Napoleão, logo a junta da Galliza, mandou recolher a divisão hispanhola que no Porto se conservava ás ordens do marechal de campo D. Domingos Bellesta, o qual succedêra no commando a D. Francisco Taranco, fallecido em fins de Janeiro.

Aquelle general depois de, em 6 de Junho, fazer nos paços da camara, proclamar de novo a caza de Bragança, partiu a 7, levando presos o

general de divisão Quesnel, a quem obedecia como governador general das provincias do norte, o corregedor-mór Taboureau, o coronel de artilheria Picoteau, diversos outros officiaes civis e militares, e uns 80 soldados, isto é, quasi tudo quanto do exercito de Junot existia na cidade (1). Esta porém vendo-se totalmente indefensa, temendo talvez o feroz Loison, appellidado o maneta, que com a sua divisão guarnecia Almeida, e talvez tambem receando-se do brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, que supposto adherira ao movimento de 6, e mesmo acceitára o cargo de governador das armas, arrependendo-se logo, ou, como é mais provavel, prevendo alguma catastrophe, unicamente usára da sua auctoridade para destruir e que estava feito, e mandar prender o patriota Raymundo José Pinheiro, interino governador do castello da Foz (2), não deu impulso á sublevação até que, sabidos os acontecimentos de Bragança, aonde o octogenario general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, primeiro se alevantára contra a dominação estrangeira, foi no dia 18 por varios patriotas definitivamente restabelecido o legitimo governo (3).

(1) Conforme o artigo 2.° da convenção de Fontainebleau assignada em 27 de outubro de 1807 para execução do tractado da mesma data, devia a divisão Taranco elevar-se a 10,000 homens, e Foy na Hist. da Guer. Pen. Tom. 4.° Liv. 8.° edição de Bruxellas, 1827, ainda no momento da partida lhe suppõe esta força: todavia, o Sr. Thiers na Hist. do Cons. e do Imp. só lhe concede de 7,000 a 8,000 soldados. Foy era coronel de artilheria do exercito de Junot e serviu em Portugal durante toda a dominação deste. Até foi ferido na batalha do Vimieiro.

Lá no Rio de Janeiro para onde o haviam arrastado a intriga, o medo, e os máus conselhos, tambem o principe regente quando foi da revolta do Porto já hostilisava os francezes, mas hostilisava-os só por actos que bem poucos cabedaes intellectuaes ou materiaes lhe custavam. Assim no 1.° de Maio fazia publicar o manifesto que se lê a pag. 491 da collecção de Delgado, e em 10 de Junho positivamente declarava guerra aos francezes. Neste decreto auctorisava o armamento de corsarios contra o commercio de França. Pensaria elle recuperar o throno por meios tão debeis?

(2) Affirma o general Foy que Luiz de Oliveira nem era amigo dos francezes, nem desaffeiçoado á caza de Bragança, e que ao passo que ante o general Junot protestava submissão ao imperador, pedia a Bellesta alguma gente com que sustentasse o que no Porto se fizéra. A ser isto verdade, o systema de Luiz de Oliveira denunciaria nelle a completa ausencia das primeiras virtudes do cidadão e do militar.

(3) Veja-se no fim deste escripto a nota 1.ª

Estes successos foram sabidos em Lisboa a 9 de Junho, e logo Junot ordenou ao general destacado em Almeida que fosse segurar o Porto, e provavelmente tambem castiga-lo. Loison de feito partiu para esta missão com dois batalhões e 50 cavallos. De Torres-Vedras devia ir-se-lhe unir mais um batalhão com uma bateria de artilheria (4); porém a 21, quando marchava da Regoa para Amarante, subita e desordenadamente o assaltaram muitos milicianos e paizanos, a cuja frente estava o tenente coronel Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, que depois foi conde de Amarante, e marquez de Chaves. Vinham estes homens na sua totalidade armados só de foices encavadas, chuços, pedras etc. etc., e por alguns que Loison conseguiu apanhar soube achar-se insurgida toda esta parte do paiz, e predisposta aquella villa a defender a sua celebre ponte. Loison, vendo-se com tão diminuta força, decidiu-se a transpor o rio antes que aos revoltosos lembrasse tolher-lhe a passagem, e sem muito custo depois retrogradou até Almeida (5), aonde a nova face dos acontecimentos logo lhe fez chegar ordem para pelo caminho mais breve, immediatamente se approximar á capital, na qual Junot queria concentrar todas as suas forças. Em virtude dessa ordem elle partiu a 3 de Julho com 3,000 homens, deixando na praça sómente de 1,400 a 1,500. A fortuna dos portuenses livrou-os assim daquelle verdugo, que tão pezado se tornou ás povoações por onde nesta marcha transitára. Uma dellas, Alpedrinha, por ousar fazer-lhe algumas carrancas foi incendiada: além disto, a crer-se um boletim de Junot, Loison deixou pelo menos 3,000 mortos *nos differentes campos das batalhas que dera* (6).

(4) Foy citado Tom. 4.° pag. 172.

(5) Loison nesta retirada perdeu pouca gente, porém no dizer de alguns dos nossos escriptores foi-lhe tomada bastante bagagem, alguma artilheria, e mesmo a secretaria.

(6) No *Observador Portuguez*, *Histor. Polit. de Lisboa*, segunda edição, 1824, pag. 364, vem o 4.° boletim do primeiro corpo da Gironda como chamavam ao exercito de Junot, e ahi se narram os principaes successos da divisão Lvison desde 17 de Junho, data da sua primeira sahida de Almeida, até 11 de Julho em que entrou em Santarem. Quanto ao calculo dos portuguezes mortos ahi feito, é mui de presumir que o exagerassem no intuito de aterrar a população, e conter a insurreição que já por toda a parte levantava o collo. O Sr. Thiers, copiando a Foy, escreve que Loison mui severamente castigára os revoltosos, perdendo elle, em tão perigoso trajecto apenas 200

Já dissemos, que em 18 fôra no Porto definitivamente proclamado o legitimo governo: pois na tarde desse mesmo dia, já mais acalmada a effervescencia popular (7), varios officiaes de ambas as linhas, reunidos em conferencia com outras pessoas notaveis, viram a urgencia de se crear um governo popular, e para que este inspirasse mais confiança, resolveram fazel-o compôr de pessoas das tres principaes ordens do estado. Consequentemente na madrugada de 19 muita gente grada, muitos milicianos de diversos corpos, os artilheiros, e povo immenso, encaminharam-se para o paço episcopal, e declaradas as suas intenções ao obnoxio prelado (8), foi o desembargador juiz da coroa, José de Mello Freire, encarregado de lavrar um assento de tudo o ajustado. Consta deste documento haverem-se creado duas juntas, uma suprema, e outra especial para cuidar na defeza da cidade. A primeira, além do bispo D. Antonio José de Castro, seu presidente, compunha-se do excessivo numero de mais de oito membros, a saber: o vigario geral, José Dias de Oliveira, o provisor Manuel Lopes Loureiro, os desembargadores José de Mello Freire, e Luiz de Sequeira Gama Ayalla, o commandante da brigada de artilharia João Manuel Maria Sarmento, o sargento-mór Antonio da Silva Pinto, e os negociantes Antonio Matheus Freire de Andrade, e Antonio Ribeiro Braga. Na ultima entraram os tenentes coroneis de engenheiros, infanteria e milicias, Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, Manuel Ribeiro de Araujo, e Domingos Ribeiro de Freitas, o sargento-mór João da Cunha Araujo, e o tenente de cavallrria Luiz Paulino de Oliveiro Pinto da França, devendo prezidir-lhes o respectivo governador das armas e partido do Porto (9).

A junta inferior parece-nos superflua, se não incommoda. Fôra melhor que a suprema, contando menor numero de vogaes, se tornasse menos padresca e mais militar, para ella mesma cuidar nas coisas da guerra sem rivalidades.

A junta suprema não tardou a dar alguns passos para o desempenho da sua missão. Restabeleceu os dois regimentos da guarnição da cidade, dissolvidos por Junot, chamou a elles todos os veteranos com baixa; recommendou e favoreceu o alistamento voluntario; augmentou o soldo ás tropas, mesmo da segunda linha; designou as localidades em que oito corpos de infanteria, quatro dos de cavallaria, e quatro dos de caçadores, deviam recompor-se; decretou para cada um dos oito regimentos o total de 1,659 homens, o de 453 para cada corpo de cavallaria, e o de 846 para cada batalhão (10), fez armar os frades, os padres, os ministros com os mais empregados de justiça (11); contrahiu emprestimos dentro e fóra do paiz (12), lançou tribu-

homens, o que certamente não parecerá demaziado dando-se, como quer aquelle boleqim, *tantas batalhas*. É pena que as taes *batalhas*, como as que déra na volta da Regoa para Almeida, fossem unicamente contra chuços e roçadoiras.

(7) Mais de 10,000 homens percorriam as ruas. O capitão João Manuel Mariz preparou 4 peças contra o contingente francez que de Torres-Vedras se avezinhava por Coimbra, e á mingua de cavallos que as puchassem, os padres, os frades, e as mulheres as conduziram ao alto de Villa-Nova, Foy pag. 177. O Obs. pag. 325 nomeia varios patriotas dos que mais se distinguiram nos dias 18 e 19, mas não podemos apreciar a sua lista.

(8) Fique dito para sempre, que quando neste escripto fallarmos de alguem desfavoravelmente, satisfazemos a um dever de consciencia. Pintamos a cada um com as feições que lhe vemos: como porém poderemos vêr mal, declaramos que jamais hesitaremos em reparar qualquer injustiça, que involuntariamente hajamos feito, quando a conhecermos.

(9) Veja-se o assento de 19 de Junho de 1808, em Delgado. São rarissimas as providencias da suprema, assignadas por todos os membros que acabamos de nomear. No decreto de 29 de Junho (Delgado pag. 569), e dahi por diante somente assignam sete delles, além do presidente, o que não admiraria, attenta a prisão de Mariz: com tudo, observa-se entre estas assignaturas uma inteiramente nova, a do provedor de Vianna, Francisco Osorio da Fonseca, desapparecendo para sempre a do negociante Antonio Ribeiro Braga. Como se fez similhante substituição? Não podemos responder. O que sabemos é que esse nome, por ventura mui illegalmente mettido entre os outros, figurou nella até ao fim, como se vê do termo de dissolução de 26 de setembro. As mais peças officiaes publicadas desde 29 de Julho, são assignadas só pelo bispo governador, ou contém a declaração de que, além da sua rubrica, tem as de 6 ou 7 vogaes, sem se lhe designarem os nomes.

(10) Citado Foy, pag. 186, editaes de 20 e 25 de Junho, e plano e instruç. de 13 de Julho, tudo em Delgado e no Observador.

(11) Proclamações no Obs. pag. 425 e 432, e o edit. do chanceller governador das justiças, Manuel Francisco da Silva Veiga Magro de Moura, com data de 29 de Junho, a pag. 440 do mesmo. Uma das proclam. é do bispo, a outra do deão Ruiz Pedro de Andrade Brederode, já designado coronel do corpo ecclesiastico que ía formar-se. Este proclamava aos srs. ecclesiasticos, seculares, e regulares, convidando-os a alistarem-se para fazer a guarnição da cidade.

(12) O decreto de 29 de Julho pediu ao paiz dois

tos e solicitou donativos (13). Em fim, restituindo o marechal de campo Bernardim Freire de Andrade, ao governo das armas e partido do Porto, igualmente lhe confiou o commando do exercito, que ia marchar para o sul. B. Freire occupava aquelle cargo, quando em 1807 Junot invadira o reino, e dimittindo-se então com gosto e presteza, agora acudiu aos reclamos da junta (14).

Reunida em 45 dias, não sem bastantes difficuldades que B. Freire mais do que ninguem contribuíra a fazer aplainar, uma pequena força, o mesmo general de combinação com os inglezes que se predispunham a desembarcar entre o Douro e o Tejo (15), partiu em fins de Julho, ou começos d'Agosto com 5 ou 6,000 homens para Coimbra (16), aonde os poucos academicos ainda ahi existentes no dia da revolta (23 ou 24 de Junho) se haviam, diz Foy, *armado com furor, e tornado os granadeiros da insurreição litterata*, palavras que em nosso intender mais reflectem gloria do que vituperio.

A 7 avistou-se em Monte-mór-o-Velho com Sir Arthur Wellesley, hoje o famoso duque de Wellington, cujas tropas desde o 1.º d'Agosto desembarcavam nas praias de Lavos junto á foz do Mondego. Os dois generaes ajustaram que os seus exercitos se dirigissem sobre Lisboa, em quanto um corpo, formado pelos milicianos e soldados de Traz-os-Montes e Beira, por Vizeu e Castello-Branco desceria sobre Abrantes, ás ordens do marechal de campo Manuel Pinto Bacellar para observar os francezes se por alli tentassem retirar-se para a Hespanha (17). A 11 ainda B. Freire se achava em Coimbra (18), porém tendo os inglezes encetado o seu movimento a 9, tambem elle marchou para Leiria, aonde se encontrou com os 14 ou 15,000 homens de Wellesley, os quaes íam dentro de pouco augmentar-se com mais 5,000 (19).

milhões de cruzados, e o de 12 de Novembro approvou tanto este emprestimo, como o que se sollicitára em Londres. Parece que o agente do ultimo fôra o visconde de Balsemão, o unico titular, diz Foy, que residia nas provincias do norte, quando foi da sublevação.

(13) O edit. de 27 de Junho impoz mais 4$800 réis em cada pipa de vinho exportado pelo Douro. A ordem de 18 de Julho mandou applicar ás urgencias do estado as quantias da contribuição dos 40 milhões de cruzados lançada por Napoleão, que ainda existissem nos cofres publicos, os rendimentos da patriarchal, os das commendas das ordens militares, e da de Malta, cujos commendadores se achassem ausentes dellas, os da bulla da cruzada, os liquidos das irmandades e confrarias, e as sobras das sizas. Tambem declarava o modo como a *mizericordia* cobraria a contribuição voluntaria, pedida pelo edit. de 27 de junho. O de 20 de Julho impunha 4$800 réis, em cada pipa de vinho, sahida pelas barras da Figueira, de Aveiro e Vianna, e 9$600 réis por cada uma de azeite, exportada pelo Porto. Outro edit. de 27 de Junho, e de 11 de Julho, e diversas providencias, sollicitavam donativos de roupas, mantimentos, cavallos, dinheiros, etc. etc. V. o Obs. e a col. de Delgado.

(14) O que fosse o partido do Porto, póde ver-se na relação dos limites dos sete governos militares do reino, creados pelo alvará de 21 de Outubro de 1807. Leam-se tambem as proclam., a pag. 445 e 455 do Observador. A ultima, que é de B. Freire, não tem data, porém o logar que ocupa indica-lhe a de 30 de Junho. A outra é do bispo, e traz a data de 8 de Julho.

(15) Escreve Foy na pag. 241 que a suprema para os mover a semelhante desembarque lhes promettêra meios de transporte e mantimentos em abundancia.

(16) Obs. pag. 374 e 405. Esta conta-nos que B. Freire marchára levando de 5 a 6:000 homens, e o Sr. Thiers tambem assim calcula essa força, que Foy elevára a 7:000 infantes com 600 cavallos. O ultimo historiador accrescenta — foi esta a unica força regular que a junta suprema pôde arranjar em mez e meio, e ainda a sua totalidade (*la plupart*) só teve espingardas depois que Wellesley lhas mandou dar. — A citada proclamação feita por B. Freire em 30 de Junho (Obs. pag. 445) declara que o exercito que marchava sobre Lisboa constaria de destacamentos de diversos corpos da 1.ª e 2.ª linhas, e que outros destacamentos cercariam os francezes de Almeida, e guarneceriam o Porto, bem como outras posições do Minho, Beira, e Traz-os-Montes para velarem na segurança interna e externa.

(17) O mesmo Foy pag. 244. Bacellar chegou effectivamente com a sua gente até Abrantes e Santarem. Em 10 de Agosto tambem o Conde de Castro Marim sahia de Faro com a gente do Algarve, e ajuntando-se-lhe algumas das tropas do Alemtéjo, descia para o Téjo com 6:000 homens, se é verdadeiro o calculo de Foy. O coronel Lopes occupava Setubal, e hostilisava a guarnição de Palmella.

(18) Vid. a proclamação de B. Freire de 10 de Agosto (Obs. pag. 487 e seg.). A ultima, dirigida aos soldados portuguezes, é datada de Coimbra, aonde o general já então devia ter recebido a maioria da cavallaria da policia de Lisboa que daqui fugíra no 1.º do mez, abandonando o seu commandante Conde de Novion, francez emigrado, que imitando a tantos funccionarios portuguezes de todas as cathegorias, incluindo os regentes, e muito mais desculpavel do que elles, de alma e coração se dedicára ao serviço dos seus compatriotas.

(19) O exercito inglez chegou a Leiria pelo caminho que se estende entre a costa e a estrada real de Coimbra a Lisboa. Foy affirma que os dois exercitos estavam a 12 reunidos na primeira cidade, o que sem ser impossivel, era assás difficil, se B. Freire, como

A infeliz Leiria devia estar ainda inconsolavel pelos seus recentes infortunios. Um pequeno destacamento dos academicos foi com algumas centenas de paisanos de Soure, Pombal, e outros povos proclamar nesta cidade o principe regente a 30 de Junho; porém cinco dias depois, tambem por seu turno, ahi entrou o general Margaron á testa de dois batalhões, quatro companhias de granadeiros e atiradores, um esquadrão de caçadores a cavallo, e outro de dragões com seis peças de artilheria, e fazendo mão baixa em tudo quanto topou, deixou mortas 600 pessoas, conforme o boletim de 7 de Julho, e 123 de ambos os sexos, e de todas as idades no dizer do *Observador*. É porém mui de suppôr que a conta do boletim peque por excessiva. Os boletins, verdadeiros almanaks de mentiras, sempre faziam summo arruido para atterrar (20).

Depois da sua chegada a Leiria o general portuguez em logar de se unir com o bretão, deliberou-se a caminhar para o mesmo ponto por um rumo diverso (21), porém antes de separarse, reforçou o exercito auxiliar com perto de 2,000 dos seus, em que se incluiam de 260 a 300 cavallos. Um anonymo testifica que a Wellesley se uniram 1,800 portuguezes, sendo dois batalhões dos regimentos de infanteria 1 e 2 do Porto, o regimento de Chaves, um esquadrão dos ligeiros desta mesma praça, e 60 cavallos dos nocturnos (policia), accrescentando que na acção do Vimieiro além destas tropas tambem estiveram 200 artilheiros de Valença fugidos de Peniche.

Sabe-se que das operações dos dois exercitos resultára a victoria do Vimieiro, e essa convenção chamada de Cintra, olhada na Inglaterra como uma derrota; tão ignominiosa era ella para os inglezes (22). Expulsos os invasores, devia a regencia nomeada por D. João na hora da fuga, reassumir as suas funcções sem dependencia das ordens de nenhuma auctoridade subalterna, e muito menos de um estrangeiro auxiliar: todavia, os regentes, como se envergonhassem de saír da escuridão em que occultavam a sua nullidade, aguardaram que Hew Dalrymple em quem agora residia o mando supremo do exercito britannico em Portugal, os enthronisasse, o que elle fez pelo modo expendido na proclamação de 18 de Setembro (23).

Este bretão, mais modesto do que o seu subalterno João Hope (24), não se exprimio com tanto imperio como geralmente usão os da sua nação; com tudo sempre declarou que para preencher as instrucções de El-rei seu amo e senher, restituia ao exercicio da sua auctoridade a D. Francisco Xavier de Noronha e Francisco da Cunha Menezes com o secretario João Antonio Salter de Mendonça, dando áquelles regentes por collega o Conde de Castro Marim, assim como a Salter deu o brigadeiro D. Miguel Pereira Forjaz, ambos designados no decreto de 26 de Novembro de 1807 para substituir outros. Quanto ao Marquez de Abrantes não o reimpossou, diz Dalrymple, por achar-se fóra do reino (involuntariamente, e fez outro tanto ao principal Castro, a Pedro de Mello Brayner, e ao secretario Conde de S. Payo, mas por motivos bem diversos; as nomeações que no 1.° de Fevereiro Junot fizera delles para conselheiros do seu governo nas repartições da guerra, da marinha, dos ecclesiasticos e da justiça. De geito que um estrangeiro a quem em Lisboa sómente competia dar ordens aos seus soldados, ousou arrogarse poderes magestaticos para modificar os decretos do regeste D. João, e a seu sabor exacutorar e punir portuguez.

O campeão portuguez affirma que este procedimento do general britanico o tramaram Gomes Freire e D. Miguel Pereira Forjaz, para o ultimo ficar no lugar do Conde de S. Payo (25).

Fosse ou não influido por alguem, o certo é

o attesta a predicta proclamação, a 11 ainda se achava na segunda. O mais natural é que só a vanguarda, a qual era conduzida por Francisco da Silveira, entrasse a 12 em Leiria, e que o restante do exercito chegasse pouco a pouco. A distancia entre as duas cidades é de 12 leguas.

(20) Vid. no fim a nota 2.ª

(21) Vid. no fim a nota 3.ª

(22) Vid. no fim a nota 4.ª

(23) Em Delgado e no Obs. pag. 522.

(24) O tenente general Hope na proclamação de 15 de setembro (Delgado pag. 602) fallava com esta sem ceremonia: — «Regozijai-vos, habitantes de Lis» boa... não consintaes porém que os mal intencio« nados tomem dahi aso para motins; que se guardem « disso! pois que os mais vigorosos e effectivos meios « estão preparados para prevenir e embaraçar qualquer « attentado desta naturesa, e todo aquelle que fôr cum« plice, será *punido segundo as leis militares* (inglezas « se entende) *da maneira mais prompta, rigorosa e ex« emplar;* e a fim de precaver a minima tentação de « interromper o socego da cidade, *prohibimos... e to« dos os armazens e tabernas estarão fechados* logo de« pois das seis horas da tarde... *sob pena de prizão, e « perdimento dos effeitos.*» Era a lingoagem dos nossos conquistadores!...

(25) Camp. Port. em Londres tomo III pag. 394.

que o general inglez enxovalhou a dignidade do povo portuguez, então infelizmente acephalo, erigindo-se em dictador, mesmo a despeito das ordens da junta do Porto reconhecida pelo gabinete britanico. Ora, já em 4 de Agosto havia esta decretado a maneira de fazer resuscitar o finado governo de Portugal, e era o seguinte: o Dezembargador Luiz de Sequeira da Gama Ayala, apenas libertada a capital, iria ahi convocar um congresso, em que elle, o Salter, ou na falta deste, o chanceller-mór Manuel Nicoláu Esteves Negrão, D. Francisco Xavier de Noronha, Francisco da Cunha Menezes, o Conde monteiro-mór se estivesse em Lisboa, e D. Miguel Pereira Forjaz elegerião os membros que faltassem *para o numero de cinco, determinados por S. A. R. no seu decreto de* 26 *de Novembro, com exclusivo porém de todas as pessoas que pela extincção do conselho passaram a ser membros do governo francez.* (26) Esta exclusão era o fim principal do congresso, com tudo a espada de Dalrymple pôde muito mais do que os pobres decretos do governo do Porto; quando porém se medita no golpe que abatera uns, e exaltara outros, suspeita-se que o mesmo espirito-sancto que soprava aos ouvidos da suprema, tambem dirigia o braço do general inglez.

Os tres regentes reempossados apressaram-se a dirigir áquella junta dois avisos sob a data de 20 de Setembro. N'um agradeciam-lhe os serviços: n'outro dissolviam-na. Em ambos porém declararam haver reassumido as suas funcções suspensas desde o 1.º de Fevereiro (27 e que conformando-se com o lei da sua creação, escolhião para collegas o Marquez de Minas, e o Bispo do Porto. Em virtude dos citados avisos a suprema declarou-se dissolvida a 26 de Setembro (28), e a regencia de Lisboa continuou na direcção dos negocios de todo o reino com sinco membros, até que a carta regia de 6 de Julho de 1809 a reduziu a tres (29).

Quando pois Soult em Março de 1809 invadia o norte do reino, já o bispo D. Antonio, supposto ainda não soubesse da regia confirmação, desde muito pertencia á regencia de Lisboa. Logo então com que direito se arrogou elle a faculdade de ingerir-se nas operações militares da defeza da cidade, a pontos de ser por varios escriptores nacionaes e estrangeiros, e pela voz publica indigitado como o verdadeiro governador militar do Porto? não o sabemos. Quanto a nós, sómente a vaidade e a sede de governar levaram o leviano prelado a prevalecer-se do seu cargo de membro da regencia, que fóra do conselho nenhuma auctoridade lhe conferia, para fazer de general e delinear as coisas da guerra, impondo ao brigadeiro Parreiras um jugo que a memoria ainda fresca das desditas de Luiz Candido, Mariz, Luiz d'Oliveira e outros, lhe não deixaria sacudir.

Se é que para esta especie de vassalagem do commandante militar do Porto tambem não contribuiam, como é bem verisimil, tanto o dezejo de não desagradar áquella despotica potestade,

(26) Citado Camp. tomo I pag. 330, aonde vem o decreto ou portaria de 4 de Agosto a que alludimos. A junta diz ahi que o Minho, a Beira, e Traz-os-Montes espontaneamente já lhe obedecem; que o Alemtejo vai imitar estas provincias; que em 5 de Julho fizera um tratado com a Galiza; que já se achava reconhecida pela Grã-Bretanha; que pertendia restaurar a monarchia, resgatar Lisboa, fazer ahi renascer o conselho da regencia etc. etc.

(27) No edital e decreto do 1.º de Fevereiro já por vezes citados, declarava Junot que a Casa de Bragança *acabara de reinar em Portugal;* que a regencia portugueza ficava supprimida; que dahi avante *todo o reino* seria governado só por elle em nome de seu amo; e que estabelecera um conselho de regencia para ser por elle illuminado. Até ordenava que se abrissem estradas, e se *rompessem* canaes, como se tudo isto se effectuasse pelo modo que cahiram os muros de Jericó, ao som das trombetas.

(28) Auto e carta de 26 de Setembro em Delgado pag. 610.

(29) O decreto de 2 de Janeiro de 1809 confirmou no governo do reino os sinco governadores em exercicio, designando já a D. Antonio José de Castro pelo titulo de patriarcha eleito de Lisboa. A carta regia de 6 do seguinte Julho reduziu-os a trez: o dito patriarcha eleito, o marquez de Minas, e o monteiro-mór, antigamente Conde de Castro Marim, e agora Marquez de Olhão em recompensa dos serviços prestados contra Junot como presidente da junta do Algarve, e general do exercito desta provincia. Aquella carta regia tambem a Wellesley conferia um quinhão no governo, e no dizer do Sr. José Liberato Freire no Ens. Hist. Pol. cap. 10 pag. 172 ainda outro quinhão tocou a Sir Charles Steward, então embaixador inglez em Lisboa. No decreto de 30 de Agosto do mesmo anno o princepe regente fixou as attribuições da regencia, *trina, quatrina ou cinquina*, e querendo por essa occasião dar um testimunho publico do apreço que fazia dos seus vassalos do reino, e do muito que lhe merecião pela sua lealdade, pelo amor, patriotismo e valor com que defendiam a religião e o throno, permittio nelle que a regencia podesse nomear alçadas e commissões para lhes applicar a pena capital sem nenhum recurso para o Rio de Janeiro. Eis como o absolutismo premeia os serviços que se lhe fazem. Sem este decreto não veria Lisboa as fogueiras do campo de Santa Anna.

como o apoucamento dos seus brios de soldado, e o não conhecimento intimo dos deveres que o seu cargo lhe impunha para com o paiz de preferencia para com o homem, fosse qual fosse a sua posição na orbita governativa.

Da sentença que rehabilitára a memoria de Bernardim Freire, inferimos que conservando-se este no cargo de governador das armas do partido do Porto quando se receiava a segunda invasão franceza, baixara de Lisboa o aviso de 24 de Janeiro de 1809 encarregando-lhe — o commando de todas as forças da provincia do Minho e partido do Porto... que podesse empregar activamente... para occupar aquellas posições que julgasse mais proprias para occorrer á defeza da provincia do Minho, ou á entrada de Traz-os-Montes, tendo em vista sempre cobrir a cidade do Porto. (30)

(Continúa.)

JOÃO ANTONIO DE CARVALHO E OLIVEIRA

FLORILEGIO DA POESIA BRAZILEIRA.

402 Dos prelos da imprensa nacional acabam de sahir dois voluminhos in 12, nitidamente impressos, com o titulo — *Florilegio da poesia brazileira, etc.* — contendo, além de varios trechos poeticos de diversos individuos nascidos no Brazil, a biographia de grande parte de seus auctores, e um — *Ensaio historico sobre as letras no Brazil;* — escripto em estylo conveniente, e lingoagem, que nada tem de brazileira. O auctor, nosso particular amigo, e antigo companheiro no collegio militar da Luz, é o sr. F. A. de Varnhagen; cujo nome é já conhecido e respeitado pelos litteratos portuguezes.

O *Florilegio* é, pois, um livro util: o sr. Varnhagen não corôa com seu nome os que o não são: é uma obra de aturado estudo e boa critica, que tambem o auctor se não dá a outra, sejam provas, a descripção do *Mosteiro de Belém*, *Trovas e Cantares*, *Épicos Brazileiros*, etc.; onde a vasta erudição do Sr. Varnhagen eguala o mais, que se podera exigir em sua edade de mancebo.

No *Florilegio*, acham-se collocadas as diversas poesias, pela ordem chronologica de seus auctores, precedidas, quasi sempre, pelas respectivas biographias: é o methodo que seguira Ochôa nos seus — *Apuntes para una Bibliotheca de Escritores Españoles Contemporaneos*; com o qual nos conformâmos, sobre tudo, quando se não trata de *offerecer modêlos d'arte poetica*, como nota o sr. Varnhagen. Ha certos auctores, cujas obras nunca poderão ser devidamente avaliadas, sem que o leitor tenha previo conhecimento de sua vida. Sobretudo, em poesia, quantas vezes, por nos não elevarmos á altura do verdadeiro sentimento, que dominava o poeta, quando compôz, nós lhe roubamos o merito, que depois passado tempo, restituimos, quando, por melhor instruidos, nos collocâmos nesse exacto ponto d'optica, em que a luz do seu talento nos devêra ferir. Pena é que o *Florilegio* não désse a grande parte das biographias, o desenvolvimento que era para desejar; todavia, incompletos como se appresentam, são talvez, a nosso juizo, a parte que maior louvor merece no trabalho do sr. Varnhagen. Só á força de um estudo pertinaz, e muitas vezes ingrato, é que o auctor póde de certo coordenar chronologicamente esses factos variados, dispersos, e mal documentados, sobre a vida de poetas, que viveram ora em um, ora n'outro hemisferio; e que na carreira de suas vidas imprimiram, por assim dizer, o vôo irregular das imaginações fogosas. Ha entretanto no *Florilegio* algumas biographias completas, que juntam a uma sufficiente cópia de factos, boa deducção, e colorido constante das obras do auctor, que se biographa. Citarei d'entre ellas, as de Antonio José, Claudio Manoel, Barboza Caldas, e sobre tudo a de Gonzaga, o immortal cantor de Marilia, tão popular nos dois hemisferios, e talvez, quanto a nós, o primeiro poeta lyrico portuguez do seculo passado. A biographia de Gonzaga, escripta pelo nosso amigo, é digna de se annexar ás obras daquelle auctor, na primeira edição que dellas se publicar, o que não será tarde. Feliz foi para nós o engano do Sr. Varnhagen, em reputar Gonzaga nascido no Brazil; sem isso, a melhor biographia do *Florilegio*, e talvez do primeiro poeta dos que nelle figuram, não se teria escripto; e tambem, a não serem os estudos do Sr. Varnhagen, não veriamos impresso pela primeira vez (ao menos nós) que o desditoso *Dirceu* esse poeta tão nacional na America portugueza, cujos cantos, como affirma Ferdinand Denis, são — *repetés en tous lieux, et animent les solitudes, les plus reculées du Brésil* — nascêra em Portugal, e no do Porto. Só por este serviço bem-mereceu o nosso amigo das letras portuguezas, se é que não

(30) D. Izabel Freire d'Andrade e o principal Freire apenas souberam o desastroso fim de seu marido e irmão o tenente general B. Freire, logo requereram um conselho de guerra que lhe syndicasse do procedimento, e que no caso de achar-lh'o sem macula; lhe desaffrontasse a memoria. Por isso em carta regia do 1.° d'Abril de 1809, e ordem do dia de 9 de Julho, se mandou em Vianna do Minho formar esse conselho. A sentença foi proferida a 18 de Novembro, e publicada por Beresford na Ord. do dia de 20 de Dezembro. Borg. Carneiro no Prim. Addit. Ger. das Leis p. 216 sob a data de 18 de Novembro tambem nos legou um resumo desta sentença contendo a sua substancia. Ella, como era rasão, purificou a honra do malaventurado general de toda a mancha, porém a sua familia não se contentou com isso. Solicitou e obteve no Rio o decreto de 5 de Setembro de 1813 que lhe permittia divulgar pela imprensa todo o processo que servira de base áquella decisão, e a regencia do reino participou essa licença ao dezembargo do paço no aviso de 16 de Dezembro do mesmo anno (Gazeta de Lisboa n.° 302): tantas eram então as difficuldades para dar publicidade a um processo que já todo pertencia ao publico! Se essa publicação chegou a effectuar-se, ignoramo-lo. É com tudo certissimo que a grande copia de peças offiacies juntas ao processo, ás quaes a sentença a cada momento se refere, derramaria muita luz sobre os successos da invasão do Soult. D'aqui em diante muito nos utilisaremos desta sentença, e de varias ordens do dia de Beresford.

foi por tudo o *Florilegio*, embora se lhe chame de *poesia brazileira*. Quanto a nós, perdôe-nos o Sr. Varnhagen, que lhe demos o nome de portugueza; que tão portuguezes reputêmos seus auctores, todos nascidos antes da independencia do Brazil, como qualquer minhoto ou algarvio. E até mesmo com estes se parecem, em que se em Portugal riem (como nota o Sr. Varnhagen) da pronuncia brazileira, o mesmo acontece ao ouvirmos um filho do Minho ou do Algarve: e embora haja nomes brasilicos, que por desconhecidos nos provoquem o riso, isso em nada concorrerá, quanto a nós, para deslustrar obras, taes como o poema *Caramurú*, que o auctor cita. Ou o leitor é digno da obra, percebe o termo, prevê por assim dizer a sua intenção poetica, e então não ha receio de que o poema desça do elevado conceito que merece; ou o leitor é ignorante, e neste caso, tanto rirá de *ipiranga* e *jacarandá*, como dos mil nomes historicos e mythologicos em que abundam os *Lusiadas*, ou da technologia de qualquer livro de sciencia. Tambem nos parece não haver paridade, entre as obras escriptas em francez e latim, pelos illustres portuguezes Silvestre Pinheiro, e bispo Osorio, e as poesias do *Florilegio*: aquellas, são escriptas por portuguezes, em lingua estranha; estas, escriptas por portuguezes na lingua materna. Porque um auctor nascêra neste ou naquelle paiz, não vemos que suas obras hajam de ser incorporadas na litteratura de sua terra natal: Bluteau, era estrangeiro, e todavia o seu vocabulario tem sido até hoje reputado como um thesouro de linguagem portugueza, do melhor cunho. Se, pois, julgámos nossas a maior parte das poesias do *Florilegio*, é, não só por serem escriptas em portuguez, mas porque os modêlos, a fórma, o pensar, tudo é innegavelmente portuguez; a ponto de haver poeta, que descrevendo a Primavera, dá como primeiro nuncio daquella estação a flôr da amendoeira, quando no Brazil (como nota o Sr. Varnhagen) *só ha esta arvore em algum jardim de aclimatação*, e não é para os brazileiros, um indicio de primavera. Se os poetas do *Florilegio* nasceram no Brazil, a educação litteraria da maxima parte foi portugueza, e podemos affiançar, que a segunda natureza venceu a primeira.

Finalmente, se o Brazil conscio da sua virilidade politica quiz e soube emancipar-se da tutela, que a mãe patria sobre elle exercia, conservou todavia sua lingua, religião e costumes; os quaes recebêra ainda infante nos braços dessa mãe, que lhe dera a vida da civilisação, e nem ha sombra que occulte a luz do berço, nem coração generoso que se não reveja com encanto nessas primicias de sentimento e d'amor. A emancipação politica d'um povo completa-se ás vezes em horas, a litteraria, só com o volver de seculos.

Seja porém como fôr, a obra do Sr. Varnhagen, é mais um bom serviço á nossa litteratura, e como tal a recommendamos.

Mafra, Abril de 1851.

J. DA C. CASCAES.

NOTICIAS E COMMERCIO.

MEMORIAS DE UM HOMEM DE JUIZO.

(Continuado de pag. 419.)

III Foi a real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação auctorisada por lei do Sr. D. José I rei de Portugal, para que, depois de um preciso exame sobre novos inventos, passasse alvará, provisão regia para estabelecer fabrica, aquelle, que apresentasse um novo invento.

..... apresentou dois, e obteve o sobredicto alvará ou provisão, e pelo qual fiquei provido de auctoridade para estabeler fabrica de construir moveis de casa, e maquinas para todos os diferentes uzos: letteralmente se intende de mar e terra, tudo quanto póde conter-se em um arsenal de guerra e marinha. Isto aconteceu depois de sair do 4.º regimento de artilheria. Neste serviço militar teve em um dia de fogo a gloria de empregar com acerto todas as ballas em pilha destinadas a uma peça calibre 24, que o dignissimo Sr Campbel da real artilheria britanica confiou ao meu commando á sua direita, e na bateria assestada junto ao mar, contra as obras exteriores e praça de Tarragona; todas, menos tres, que não mereceram o titulo de tiros ao alvo, como todas as demais, empregadas na destruição d'uma bateria inimiga, e as demais dirigidas á praça aonde aconteceu a diferença das sobredictas tres ballas.

O actor..... existe, como de facto existo ao abrigo das leis de nobreza garantidas no alvará com força de lei tambem do Sr. D. José I relativamente aos actores, concluindo assim a generalidade de meus conhecimentos artisticos militares condecorados. Um dos sobredictos inventos foi presente ao exm.º marechal general junto á real pessoa, como se vê dos titulos annexos.

Actor artifice, engenheiro, artilheiro condecorado com a cruz de campanha da guerra Peninsular, e recebida oito annos depois de sair do regimento, proprietario da mascara da Comedia, Corôa e Sceptro, da Tragedia, respiro o ar dos acampamentos bellicos, os gazes dos carvões dos arsenaes temperados em compendio general. A minha fronte lauriada e guarnecida pelos pavilhões de campanha armas e escudos das batalhas, e rasões scientificas nos combates, ficando no meu pedestal as ancoras e artilheria de marinha.

Cheguei ao estado de me explicar por esta maneira, com o grande, magnifico e maravilhoso caminho da educação, neste, mortificado pelos trabalhos e privações, mortificando as mãos com os calos, e os sentidos na applicação enfadava, muitas vezes a minha memoria com quanto lhe dava a guardar; todavia apascentada nos amestumes, renascia vaidoza para novas tarefas a que me convidava. Muitas vezes, longe me convidava o talento a demandar novo ponto, dificuldade heroica, e a memoria me abria os cofres que lhe confiava e me apontava o trilho; então alçado pela educação paternal de paes e patria, via luzir a estrella do meu resultado entre nuvens de flores aljofradas pelos dons celestes. *(Continúa)*